

Produção Textual e Recursos Audiovisuais nas aulas do PIBID

Jessé da Silva Lima¹

Resumo

As aulas de produção textual sofrem bastante rejeição por parte dos alunos nas escolas brasileiras de educação básica. Há uma cultura que reforça ideias errôneas sobre a escrita e isto desmotiva os discentes a aventurarem-se pelas vielas das palavras.

Partindo desta problemática, este trabalho propõe-se a refletir sobre o uso de recursos audiovisuais, tais como filmes, videoclipes e músicas, focando sob a ótica dos Multiletramentos, que sabemos ser tão presentes na Sociedade de Informação em que vivemos, para então analisarmos como os mesmos podem ajudar no aprendizado de leitura e escrita do alunado. Para isto, teremos como base algumas atividades realizadas pelo PIBID UnB (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Capes/ Universidade de Brasília) no Centro de Ensino Médio Paulo Freire, localizado em Brasília, especificamente em turmas do Primeiro com estudantes de situações socioeconômicas diversas. Compararemos resultados, expectativas e frustrações encontradas durante o percurso e apontaremos caminhos que se mostraram mais produtivos em nossa prática.

Palavras-chave: Escrita, Multiletramentos, PIBID, Ensino.

1. INTRODUÇÃO

O ensino de produção textual enfrenta grandes desafios em fazer com que a prática de leitura e escrita integre conscientemente a vida dos alunos. É muito comum ouvir de estudantes do ensino básico que eles “não sabem escrever” ou que “português é muito difícil”. Muitos introjetaram discursos de incapacidade e não sentem autoestima quando solicitados a elaborar textos. Por isso, o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), realizado pela CAPES e em seu subprojeto de Letras Português da Universidade de Brasília, elaborou ações para promover uma maior identificação entre o corpo discente e os textos, em suas

¹Licenciando em Letras. Integrante do Projeto PIBIB- Letras- UnB, sob orientação da Profa. Dra. Ormezinda Maria Ribeiro.

mais diversas concepções, que circulam na sociedade. É preciso promover uma maior identificação entre os estudantes e as práticas sociais de leitura, como afirmam Lorenzi e Pádua (2012 In: ROJO e MOURA), “a formação de um leitor proficiente é um dos principais objetivos do ensino de língua portuguesa [...]”. Ensinar a escrever é ensinar a ler e vice-versa. Ambos processos são distintos, porém inter-relacionados e dependem um do outro. Um bom leitor é um bom escritor, por isso a nossa ação em sala de aula procurou trabalhar a leitura e a escrita de forma integrada, valorizando os benefícios que ambas podem ajudar a desenvolver nas crianças e nos adolescentes.

2. METODOLOGIA

Como proposta para um ensino de produção textual diferenciado e que desperte o interesse do aluno, os recursos audiovisuais aparecem e nos proporcionam uma gama de atividades que, se executadas com responsabilidade e zelo, serão profícuas e auxiliarão na formação dos estudantes. É necessário que o professor tenha familiaridade com as tecnologias usadas em sala de aula, porém amarrando-as aos conteúdos que trabalhará através delas, entendo que tais recursos não devem ser utilizados de forma isolada e despreziosa.

Isso significa que, sem o conhecimento técnico, será impossível implantar soluções pedagógicas inovadoras e vice-versa, sem o pedagógico os recursos técnicos disponíveis tendem a ser subutilizados. Afirmar que tais conhecimentos devem ser casados é muito fácil. Porém isso implica maior profundidade na formação de professores e mudanças substanciais na concepção de educação (VALENTE 1999, p.21).

As TICs (tecnologias da informação e comunicação) são de muita valia para o ensino e podem proporcionar ganhos excepcionais para o desenvolvimento discente. Segundo Lorenzi e Pádua (2012 In: ROJO e MOURA), “a utilização das novas tecnologias por docentes é uma nova forma de entender como as tecnologias

da informação e comunicação podem auxiliar no processo de construção e compartilhamento de conhecimento, explorando novas práticas de letramento.”

Com isso em mente, dividimos a nossa ação em duas propostas.

2.1 Atividades em sala de aula regular

Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades-ISSN 1982-8640

Durante as aulas regulares de português no Centro de Ensino Médio Paulo Freire, propusemos alguns trabalhos que envolviam recursos audiovisuais e multiletramentos, assegurando a autonomia do estudante como autor do seu próprio texto.

2.1.1 A música como ponto de partida para a escrita de contos e crônicas

Após realizarmos uma pesquisa sobre a apreciação musical das turmas, sugerimos uma atividade que trabalharia os gêneros textuais e a aptidão do aluno em reorganizar informações pré-existentes, acrescentando ou não novas ideias ao texto.

Com o uso de datashow, projetamos o videoclipe da música João e Grazi, da banda Onze:20, e distribuímos a letra da canção a todos alunos, para que eles pudessem acompanhá-la de forma mais apropriada.

Após esse primeiro momento, o professor apresenta um conto e uma crônica, a fim de que os alunos entendam as semelhanças e diferenças desses gêneros textuais.

Marcuschi (2002) afirma

Como já lembrado, os gêneros textuais não se caracterizam como formas estruturais estáticas e definidas de uma vez por todas. Bakhtin [1997] dizia que os gêneros eram tipos "relativamente estáveis" de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana. São muito mais famílias de textos com uma série de semelhanças. Eles são eventos lingüísticos, mas não se definem por características: caracterizam-se, como já dissemos, enquanto atividades sóciodiscursivas (MARCUSCHI, 2002).

Ao entender isso, os estudantes são desafiados a transformarem a música apresentada em um conto ou uma crônica, ou seja, eles trabalharão com um processo de retextualização e reescrita. Estas atividades conversam com Marcuschi (1997, In: ABAURRE) que defende a prática da retextualização e da reescrita como método didático por darem ao aluno um maior entendimento do processo criativo da escrita e o capacita a passear entre um texto e outro. A reescrita também amplia os horizontes do aluno e o habitua a ideia de que nenhum texto nasce pronto, mas é um processo longo e que dispensa grande esforço.

2.1.2 Reportagens jornalísticas e debates na construção da argumentação

Com esta atividade, o intuito foi o de trabalhar com os alunos a argumentação, tendo em vista que grande parte dos discentes participaria do PAS UnB (Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília) e a prova de redação possui um peso importante na nota final. Também através do *datashow*, apresentamos algumas reportagens sobre temas atuais e polêmicos e em seguida solicitamos que os estudantes formassem dois grupos: Um seria a favor da questão levantada e o outro contra. Cada grupo teria dois minutos para apresentar os seus argumentos e mais um minuto para a réplica e a tréplica.

Assim, valorizamos a oralidade e dialogamos com Marcuschi (2002, In: DIONÍSIO e BEZERRA), que relata o processo de desvalorização que os textos orais

geralmente sofrem na escola, propondo uma maior utilização dos tais para que a aprendizagem do aluno seja completa e em todos os níveis.

2.2 Atividades realizadas em aulas de Prática Diferenciada

Nas escolas públicas do Distrito Federal há um espaço reservado na grade curricular para o que é chamado Prática Diferenciada (PD). Esses momentos são separados para a realização de projetos interdisciplinares e dinâmicos, com o intuito de arejar o ambiente escolar.

2.2.1 Projeto MOEMA

Com essa liberdade assegurada pelas PDs, desenvolvemos o Projeto MOEMA (Múltiplos Olhares Sobre a Minha Escola). A nossa intenção foi trabalhar a escrita e a leitura dos alunos em paralelo com a linguagem cinematográfica e a história do Centro de Ensino Médio Paulo Freire.

Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades-ISSN 1982-8640

O cinema é, antes de mais nada, uma arte, um espetáculo artístico. É também uma linguagem estética, poética e musical – como uma sintaxe e um estilo; é uma escrita figurativa e ainda uma leitura, como um meio de comunicar parâmetros, veicular ideias e exprimir sentimentos. Uma forma de expressão tão ampla quanto as outras linguagens (literatura, teatro, etc) , bastante elaborada e específica (BETTON, 1987. p. 05).

Assim, propusemos a execução de um curta-metragem feito colaborativamente entre alunos, pibidianos e professores. Para chegarmos a esse resultado, sugerimos que os discentes escrevessem crônicas onde relatariam o seu modo de ver a escola e a cidade.

A partir desses textos, indicamos que os estudantes deveriam ler as crônicas uns

dos outros e criar um roteiro coletivamente, o que daria base para a gravação do curta-metragem de até cinco minutos. Para isso, convidamos cineastas, professores e escritores para darem oficinas aos alunos e os capacitarem a fazer um trabalho bem feito.

3. RESULTADOS

Em sua metáfora sobre Alice e Narciso, Ribeiro (2013, p.59) declara que

Refletir tão somente sobre esse ou aquele ato educativo não nos basta. O espelho reflete aquilo que se apresenta a sua frente. E o professor não pode, a respeito de sua prática docente, simplesmente refletir, mas deve, sobretudo, refratar. No sentido de não somente contemplar “seu fazer”, mas de colocar-se como aquele que se refaz na sua ação de fazer (RIBEIRO, 2013).

O professor deve estar aberto a refazer-se. A docência é um processo de eterna formação, e quanto mais o professor exerce a sua função de mediador, mais ele muda a sua prática e reinventa-se. Assim, as atividades propostas obtiveram resultados diferentes, de acordo com as turmas e os contextos em que foram realizadas. Aquelas que aconteceram em salas de aula regular, como o debate e a escrita do conto ou crônica, foram muito bem recebidas e gerou produções louváveis em algumas turmas, porém em outras foram totalmente rejeitadas e não lograram êxito.

Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades-ISSN 1982-8640

Isso nos revela que não existe receita para dar aula e que cada turma deve ser analisada individualmente, apesar dos nossos planejamentos. Devemos nos adaptar a realidade dos estudantes e promover uma relação de troca de conhecimentos, onde nós aprendemos com as diferenças entre as turmas e, assim,

adaptamo-nos e melhoramos os profissionais que somos, ampliando a nossa rede e o nosso potencial como educadores.

Entretanto, por acontecer de forma diferenciada, o Projeto MOEMA nos ensina coisas que vão além das já tratadas. Trabalhar a linguagem cinematográfica em parceria com a leitura, a escrita e a cultura da escola trouxe-nos resultados inimagináveis. A peça audiovisual construída pelos alunos ganhou o título de “Encontro, o Começo”, e narrou a história das diferentes personagens que compõem o colégio, trazendo a diversidade cultural à tona e refletindo sobre o pluralismo e a construção coletiva do espaço escolar. Não obstante, o curta-metragem foi inscrito no 1º Festival de Filmes de Curta-Metragem das Escolas Públicas do Distrito Federal e venceu na categoria ‘Melhor abordagem do tema’, que era ‘A cara da cultura na minha cidade’. Isso liberta a produção escolar das quatro paredes de sua estrutura física e a transforma em prática social, que influencia na sociedade e tem o seu espaço de atuação. Resgatando Lorenzi e Pádua, vemos que “a pedagogia que leva em conta os multiletramentos incorpora a prática situada e embasada na experiência da criança, aberta à conceituação, que propõe o dialogismo e a análise crítica, transformando as práticas de leitura e escrita em práticas sociais que levem à construção e uso dos conhecimentos adquiridos”. (2002, p 53).

4. Considerações Finais

As atividades propostas pelo PIBID Português da Universidade de Brasília buscaram aproximar os alunos da prática de leitura e escrita através dos recursos audiovisuais e multiletramentos, e assim desmistificar alguns conceitos que atrasam o desenvolvimento das capacidades que os alunos já possuem, mas não sabem. Assegurar que todos recebam uma boa educação e sejam competentes em

leitura e escrita é papel fundamental da escola, pois assim a cidadania dos estudantes é assegurada e mantida.

Pensar em uma escola que garanta a manutenção da cidadania, não como um lugar em que se adquira cidadania, deveria ser o objetivo precípua de toda e qualquer instituição, seja ela pública ou privada, do primeiro ou do terceiro setor. Mas pensar simplesmente não basta, é preciso agir em prol desse fim. Pensar e agir. Verbos essenciais e necessários à conquista da manutenção da cidadania via escola. São verbos de ação. Ação que demanda participação (RIBEIRO, 2013, p. 39).

Relacionar o ato de ler e escrever com as novas tecnologias da informação é não negar ao aluno o avanço que a escola precisa, para assim oferecer uma educação integral e de qualidade a todos que por ela passar.

REFERÊNCIAS

BETTON, Gerard. *Estética do cinema*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1987.

LORENZI, G. C. C.; PÁDUA, T. R. Blog nos anos iniciais do fundamental I In: ROJO, R. H. R. (Org.); MOURA, E. R. (Org.). *Multiletramentos na Escola*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2012.

RIBEIRO, O. M. *Na teia de Penélope: Metáforas na educação*. Campinas, SP: Pontes, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. oralidade e ensino de língua: uma questão pouco "falada". In: DIONÍSIO, Ângela Paiva, BEZERRA, Maria Auxiliadora. *O livro didático de português*. Lucerna. Rio de Janeiro: 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. (2002) "Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade". In: DIONÍSIO, A . P., et ali (ORG.) *GÊNEROS TEXTUAIS & ENSINO*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

VALENTE, José Armando. *Informática na educação: uma questão técnica ou pedagógica?* Pátio Revista Pedagógica, ano 3, n. 9, 1999.